“O RPG”

Escrito por Paulo Henrique de Jesus da Silva, sob o pseudônimo de Ludwig Paul Mendelev

Silva, Paulo Henrique de Jesus da. O RPG, 1 ed. Santos SP, 2009.
BN: 465557.

2

Esta é uma autobiografia não autorizada pelo próprio autor.
Então cuidado ao ler, qualquer fato pode ser real, ou até mera coincidência.
Esse é um dos benefícios ou malefícios de ter dupla personalidade (quem sabe até mais).
Isso pode justificar (embora não queira) se algum personagem (incluindo o próprio autor) sair do controle da história. Alternarei entre 1° e terceira pessoa, e falarei de mim, muitas vezes como se não fosse eu mesmo. Não procure nenhuma lógica temporal, pois os acontecimentos são descritos à medida que o autor-personagem vai se recordando deles.
Agora jogue os dados.

Introdução

Um garoto, minto um rapaz desacreditado, é visto como um garoto de vinte anos, pensam que sabe o que ele pensa, que sabe o que ele quer, e principalmente, que sabem o seu destino. É tudo verdade, eles sabem muito do que irá acontecer, mas isso até o terceiro capítulo, aliás um conselho as pessoas que tenham baixa autoestima, comecem a ler a partir dele. Essa é também uma história, sobre revoluções, pensamentos e embora segundo ao próprio autor-personagem não se aproxime dos parâmetros celestiais é visto como uma boa alma, um anjo sem asas e com sexo, no sentido mais puritano da palavra é claro. Também trata de uma força poderosa chamada “Mágica”, embora o livro ou essa publicação dependa de uma força ainda mais poderosa que essa, atualmente chamada “Capital”. Vocês vão ver como essa força (subentenda-se a magia), pode mudar a vida

de alguém, que estava destinado ao esquecimento e consegue com simples ato e acreditar, mudar o mundo, o seu mundo.

O leitor assim como o escritor deve achar melhor essa introdução parar por aqui, primeiro porque o leitor deve estar cheio de ler apenas uma introdução e também porque a imaginação do escritor não pode acabar por aqui.

Prólogo

O Hokuten vai para o norte
Fowler escapa da morte
A filha do dragão é concebida no RPG

The Hokuten is rising
Fowler is hiding
The child of the dragon has been born in RPG

A mão que me atinge,
A solidão que me aflige
O abraço solitário
O silêncio é carcerário

Os olhos que me regulam morrerão.
Os dedos que me apontam cairão
As bocas que me difamam fecharão.
Não é um poema, é uma profecia.
Isso não se chama vingança.
Isso se chama justiça.

Because the magic reborn from the place of the death.

A magia renasce do lugar da morte.

1° Capítulo : O garoto dos cabelos de arraia.

O protagonista desse livro, nasceu em Santos no glorioso ano de 1987, no dia que se comemora a data de três arcanjos São Gabriel, São Miguel e São Rafael. Na época seus pais tinham trinta e sete anos, uma idade elevada para se ter filhos naquela época, em compensação, sua existência foi devidamente planejada, e contra todas as possibilidades, nasceu saudável. Sua mãe teve que ficar nove meses em cima de uma cama para que o tratamento para que ela engravidasse, não fosse útero abaixo, além do medo que ela tinha de perder o filho (algo que já tinha acontecido em uma ocasião anterior), o fato de engravidar com uma idade já elevada, apenas uma trompa, e se não fosse o bastante, uma previsão cigana dizia o seguinte “Você e seu filho morrerão no dia 29 de setembro durante o trabalho de parto” eram contra a vontade inebriante que o casal tinha

de ter um filho, que seria o mais novo homem da casa.

Não era dos seres mais resistentes a doenças, até o atual momento ficou mais de treze vezes internado, isso sem contar as vezes que ficou em observação nos hospitais, por isso se considera um sobrevivente, dessa época. Ele pode não se lembrar, mas uma vez sua irmã tentou sufocá-lo com um travesseiro, ela com dez anos e ele com apenas dois, mas ele não podia reclamar, pelo menos enquanto não podia falar, e pensando bem, não o fez também quando aprendera.

No dia 21 de dezembro de 2007, mais precisamente às quatorze horas e vinte minutos acabou de receber o laudo médico de que estava com gastrite crônica com atividade moderada no antro, logo teria que ficar dependente de remédios pelo resto da vida, ou até que encontrassem uma cura para tal doença. Voltando a irmã, ou Priscilla como começaremos a chamar a partir de agora, ele

devia seu nome a ela com todo respeito a todos os Pedro Paulo, ou Pedro Henrique, eles têm orgulho de se chamar Paulo Henrique. Paulo não tem muitas recordações da sua infância, também não tivera uma das mais vívidas. Não saía muito de casa, era proibido por seus pais, o máximo que ele havia saído de casa desacompanhado, fora à três escadas de distância cerca de uns 30 metros da sua, uma aventura e tanto diga-se de passagem. Também se recorda das vezes que comemorou o carnaval em clubes com os pais e a irmã, em que sua mãe o puxava pelo braço a qualquer palmo de distância que ele se afastasse a mais do que ela tinha o limitado, por causa disso ele ficava pegando confete no chão, enquanto sua irmã se divertia perto da bateria onde a festa realmente pulsava. Na pré-escola chamada Porchat de Assis, ele se lembrava apenas na vez que machucara as costas do punho e da mão, depois de uma queda e ter ralado esses

seguimentos no concreto, das emocionantes competições de saltos no balanço, da ocasião em que ele caiu de boca no chão depois de cair das argolas do parquinho e ficou com os lábios extremamente inchados. Também tinha a recordação das cigarras que cantavam nas árvores e do garoto que as comia depois de terem caído das árvores da apresentação de dança da música "maria chiquinha", do fato das meninas não quererem pegá-lo na brincadeira de pega-pega meninos contra meninas por acharem que ele era metido, ou talvez fosse rápido demais.

Da “obra de arte” que fez com tantas cores e borrões que não tinha dado espaço para ele pintar o sol ou colocar o próprio nome, o papel endureceu e ficou esquecido em algum lugar do passado. Do inimigo mortal que ele já tinha com sete anos, do amigo inseparável que o deixou depois de um tempo para se aliar às drogas, esse inclusive tinha cortado uma parte da pele da falange dos

dedos e segundo ele tinha doído mais do que a vez que ficou com catapora. Não sangrou muito, mas o sangue ainda faria uma presença muito importante na sua vida.

Também das inesquecíveis Thaís e Nathália, garotas que não sabe o porquê ele nunca se esqueceu. Com sete anos teve catapora, e passou para sua irmã, assim ele devolveu a tentativa de homicídio do jeito mais inocente possível. Aliás a catapora tinha lhe dado feridas horríveis, bolhas que não deixaram sequelas, mas só a tortura de ter sua cabeça coçando e não poder fazer nada para parar era algo desumano demais para ele. O pai, o austero "Seu" Luis, assim com S mesmo no final, é um pai um tanto ausente, não por culpa dele nem do filho, mas o trabalho que o consumia de tal maneira que só chegava em casa para descansar. Às vezes por causa do turno que seu pai pegava, (pois trabalhava no porto e tinha que revezar com os companheiros entre a manhã, à tarde,

e a noite). Paulo tinha um certo respeito excessivo do pai, e porque não dizer "medo". Seu pai era bravo, não tinha tanta paciência ao ver coisas quebradas ou sujas com ele por perto. Ele pode até ter "merecido" uma bronca das grandes na vez em que ele tinha cerca de quatro anos, e encardiu as cortinas de fezes, mas creio que seria mais didático ensiná-lo a se limpar, e também quando descobriam que atrás das cortinas haviam vários desenhos e rabiscos de caneta, também discordo do ato de bater, e acho que seria um tanto mais adequado o ensinarem a desenhar, ou dar-lhe um pedaço de papel para que ele rabiscasse, aliás o papel sulfite branco também lhe faria grande companhia nos dias atuais.

Seu pai jamais alterava o tom de voz, se estava sério, nervoso, irado, ou gozando a situação era simplesmente indecifrável saber, se era uma bronca ou um elogio a voz era sempre a mesma. Sua mãe a "Dona" Luzia era uma daquelas baixinhas bravas, uma

figura clássica de mãe. Carinhosa até o certo ponto, o ponto de divergência. Se Paulo fizesse algo que fosse contra a vontade dela, não fizesse aquilo que ela queria, ou se discordasse numa simples vírgula de uma situação qualquer, ela se transformava no pior dos demônios, capaz de torturar o próprio filho, psicologicamente falando é claro. Passou toda a vida escutando os gritos dela, tudo que caía no chão num raio de dez metros de distância (considere não só a área plana, mas sim um globo), fazia ela gritar seu nome, como se fosse ele que tivesse atirado qualquer que fosse o objeto contra a parede para quebrá-lo. Muitas vezes ele estava dormindo e tinha que se levantar em estado de emergência para ver o que mãe queria.

_O que foi isso? O que você fez? - Indagava ela com um tom de censura, e com a fisionomia de um olho fechado e outro aberto que se assemelhava bem a de um pirata dos tempos mais violentos.

_Vim ver o que a senhora quer, acabou de gritar meu nome, não foi? - Retrucou ele sempre com olhar de baixo para cima, inocente como um cachorrinho pidão.

_Ah nada, escutei algo quebrar e pensei que tinha sido você. - respondia ela dando as costas e continuando que estava fazendo.

Ele também voltava para o quarto já tinha perdido o sono e era obrigado a voltar para o quarto e ficar olhando para o teto.

Aliás ele sempre dormia no quarto com a mãe, literalmente entre Luis e Luzia, isso é claro não durou para sempre, somente até os quatro anos e meio, talvez por isso seu pai o batia quando tinha por onde fazê-lo. Paulo tinha medo do seu quarto, ele deveria dormir lá com sua irmã, mas alegava nos devaneios infantis que o quarto era repleto de esqueletos e monstros. Talvez fosse assim que o espírito fraternal ou o instinto de sobrevivência fazia com que ele visse Priscilla daquela maneira.

Ele chegou ao ponto de dar nomes aos

seios de sua mãe, "naninha e otinha" era como ele carinhosamente as chamava. A família dele era assim o pai, a mãe e a irmã e abaixo seguem as características e algumas histórias (segundo Paulo) de cada um para uma melhor compreensão das situações passadas e futuras, por mérito deve-se começar pelo chefe da família.

Luís (assim com S mesmo) Pereira da Silva, é um homem de estatura mediana, moreno forte, não apenas no gênio, mas também com força física. Um rosto sincero, sereno, era calvo e ostentava o topete ou frufru que os palhaços tinham na frente da cabeça. Usava óculos esporadicamente, e fumava sempre que tinha oportunidade e como os homens que sempre que podiam andavam sem camisa tinha pelos abundantes por quase todas as partes do corpo. O melhor exemplo de trabalhador brasileiro, acorda cedo, dorme tarde, tudo para dar uma melhor condição para a família, acha melhor dar o

que se precisa e ser ausente, do que estar sempre por perto, e não poder fornecer nada além da miséria para a esposa e filhos. Para Paulo apesar de tudo ele era um herói, a história da vida dele era simplesmente fantástica como a de um Power Ranger da vida, ou o Fantástico Jaspion, mas sem os olhos puxados. Desde a infância pobre em Pernambuco, na arenosa cidade de Gravatá até sua chegada em Santos, foi uma aventura por reinos fantásticos, enfrentando monstros horrendo, passando necessidade e vivendo de caridade. O primeiro perigo que ele correu foi quando quis aprender a nadar.

_Um amigo meu Zinho me levou para a um rio que estava na época de cheia. - Começou ele, o mesmo tom grave de voz somente com o os olhos demonstrando um pouco de nostalgia. - Ele me levou nos ombros até o meio do rio e quando de repente ele sumiu debaixo de mim. Fiquei olhando para os lados desesperado quando vi ele na beira do rio e me gritou "Se

quiser viver vai ter que nadar". Me desesperei, mas consegui chegar à beira do rio salvando a minha vida. Ele limpou a garganta para não diminuir o calibre da voz e prosseguiu - Outra vez caminhei três horas por uma estrada com esse amigo de antes, o Zinho até um sítio que ele dizia que era de um tio dele para comermos umas mangas. Quando chegamos lá pulamos a cerca subimos numa mangueira e começamos a chupar as mangas de lá.

De repente apareceu um senhor, de camisa branca, calça marrom, sapatos sujos de lama, uma corrente grossa de ouro, mais ou menos da nossa altura, um pouco acima do peso com um rosto oval, cabelos grisalhos e um chapéu típico dos coronéis da região. Ele apontou a espingarda que carregava para a árvore na direção em que eu e o Zinho estávamos, mirou fechado um dos olhos e bradou "Saiam daí seus fio de rapariga" e disparou. Por sorte não acertou nenhum de nós que descemos, pulamos a cerca como

dois gatos do mato fugindo de um animal ainda mais feroz. Quando tínhamos pegado distância suficiente eu perguntei pra ele porque o tio dele tinha atirado na gente. A resposta dele me surpreendeu ainda mais "Não é meu tio, nem conheço". Lembrando hoje em dia foi até engraçado. - Lembrou esboçando um sorriso.

Mas para Paulo a história mais fantástica era a de como ele tinha chegado a cidade de Santos, mas antes disso ele sempre contava:

_Sabe minha mãe sempre me chamava de Lula, casou-se com dois homens chamado Manoel, dois Manoel “Bigodão” um era Manoel Pereira de Andrade e o outro era Manoel Pereira da Silva, o primeiro, meu pai verdadeiro fugiu e o segundo não quis me registrar. O lugar em que todo Manoel tinha bigode e era português. Os dois eram aqueles homens calados, que quando estão a ponto de explodir soltam um “humm” contrariado,

fazendo com que nós parássemos o que estava fazendo de errado, pensasse, e tomasse uma conduta correta. Com vinte anos eu vim para Santos, com as oportunidades que o porto da cidade oferecia. No meio do caminho eu parei com meus amigos numa parada de caminhoneiros, já que o veículo que nos trazia era um daqueles caminhões cegonha, que trazem e levam carros por todos Brasil, e como não tinha lugar para todos os quatro ficarmos na boleia revezávamos para dormir alternadamente. Dentro do restaurante da parada eu lembrei que tinha que comer para não ter que jantar, e infelizmente o prato do dia era sopa. Quando chegou o prato eu enchi o prato de farinha, transformando aquilo num grude só e quando todos olhavam pra que eu fazia eu perguntei "O que foi pra eles?", depois de ter certeza de que todos voltaram à atenção para seus próprios pratos eu comecei a comer. - Com um suspiro nostálgico ele continuou - Chegando na

cidade eu fui procurar uma pensão e encontrei a do seu Chavez no Guarujá, um homem caridoso que me ofereceu abrigo até arrumar um emprego. No dia seguinte eu saí, encontrei um bar que estava precisando de gente, mas quando o dono, um português típico perguntei se eu tinha experiência, tinha que ser sincero e respondi que não Ele disse que precisava de alguém que tivesse experiência, mas se não conseguisse ninguém até amanhã o emprego seria meu. Quando cheguei na pensão, e o Chavez me disse que mentisse. No dia seguinte quando cheguei lá a vaga estava preenchida, mas consegui uma vaga de faxineiro num prédio da orla. Tive que mudar de pensão indo agora para a casa da dona Conceição, pois onde eu morava na Poca Farinha era muito longe para eu chegar em tempo ao meu serviço.

Na casa dela eu só almoçava para poder comprar uma bicicleta que me facilitaria muito chegar no trabalho voltar para casa,

com cerca de dois meses economizando eu consegui, e deixei de pagar condução. – Após um suspiro profundo, com almas lágrimas escorrendo dos olhos marejados e sem alterar a voz concluiu – Foi assim que me aventurei pela terra Fantástica de São Paulo e enfrentei o monstro da Fome, batalha continuou e não saia, deixe eu mostrar como consegui vencer.

_Meu objetivo sempre foi o porto, mas não conseguiria nada a não ser trabalho administrativo e como só tinha completado até a 5ª série era impossível. Trabalhei, no prédio até encontrar o seu Onofre, um alemão alto de cabelos brancos, que arrumou um trabalho para mim no cais. No exame médico fui barrado, pois tinhas esquistossomose, mas felizmente o médico disse que a Codesp, o órgão que gerenciava o porto na época iria cuidar de mim. Depois disso comecei a trabalhar lá, ganhei o corpo que tenho hoje, conheci sua mãe numa festa, ela foi apresentada por Elza uma amiga que

tínhamos em comum. Depois disso namoramos e casamos em um ano. Passamos pelo aperto do aluguel, eu trabalhando no porto e sua mãe nas lojas americanas onde era caixa. Fui assaltado uma vez e me mudei do lugar, contra a ideia dos meus amigos de porto que diziam que quem tinha casa era caramujo que andavam com a casa nas costas conquistei a casa própria. Fui uma vez para visitar minha mãe em Pernambuco para apresentar minha esposa a ela e depois nunca mais voltei. Priscilla nasceu e depois de um tempo veio você e aqui estamos.

Um tempo depois Luis ficou à beira da morte, uma crise de apendicite, o derrubou no meio de um churrasco o obrigando a ficar tomando leite enquanto todos os outros se fartavam na confraternização dos funcionários portuários de fim de ano. Ele voltou ao trabalho, com febre, sua família não podia ficar sem sustento. Quando o chefe o viu

naquela situação o mandou para casa. Deitado na cama ele gemia de dor, até que Luzia chamou uma ambulância, no hospital o lendário doutor Michel disse que ele estava com o apêndice a ponto de explodir (desculpe, por não usar o termo mais técnico, talvez seja substituído nas próximas edições), por um milagre o pai de Paulo foi salvo. Seu pai continuava intocável, sentado no sofá como se fosse um trono, e o filho olhando para ele no tapete da sala de baixo para cima como se olha um verdadeiro rei honrando e incorruptível como ele era e Paulo o admirava, por respeito e também por medo.

Luzia a mãe teve a vida um pouco "menos difícil". Ela era baixa, troncuda, com o rosto um pouco quadrado, cabelos curtos que mudavam constantemente mudavam de cor.

O corpo não é dos mais atraentes, mas Paulo sabia porque as mães engordam, é por causa dos filhos, quando os filhos chegam as mães começam deles e esquecem de si

mesmas. Nasceu em Sergipe na cidade de Boquim, era a caçula de sete irmãs, sendo que pela diferença de idade entre chegou a brincar com as próprias sobrinhas como se fossem irmãs. Chegou primeiramente em São Paulo onde tinha um irmão que trabalhava na feira, ajudou-o e esse lhe dava abrigo e tudo que precisava em troca. As barracas ficavam perto de um aeroporto e a cada avião que saía as lonas levantavam voo e tinham que segurar para que não saíssem voando de vez.

_Tive pretendentes ricos, estrangeiros como um italiano velho, mas preferi ficar com seu pai. - Dizia ela com desdém.

Depois de São Paulo ela veio para Santos onde já tinha uma irmã que morava com o marido. Não se preocupem a tia será descrita mais tarde, já o tio não terá a mesma sorte se é que me entendem.

_Comecei a trabalhar nas lojas americanas, conheci seu pai um tempo depois, aí vieram a Priscilla foi um susto para gente, mas depois

veio você, o filho que foi realmente planejado. Uma cartomante disse que nós morreríamos, mas Deus - comentou ela enchendo a boca para falar esta última palavra - fez que tudo desse certo. Até uma vez quando fomos visitar a mãe de seu pai ele interveio em nosso favor, o ônibus batei capotou vária vezes, sua irmã era pequena, e graças a Deus - retrucou novamente enchendo a boca para falar o nome do criador - nenhum de nós se feriu. Também foi uma bênção o lugar já ser plano e não ser uma gruta ou terreno irregular, pois senão não sobraria ninguém. Sua gravidez foi muito complicada, mas por isso você é tão querido por todos, é o único filho homem contando eu e sua tia Jeruza aqui de Santos.

Paulo confidenciava seus segredos a ela pois tinha medo do seu pai, e na irmã, bem ela não era uma pessoa muito confiável, a irmã era como a pior irmã da cinderela e a prima que também será futuramente descrita a ajudava nas torturas contra Paulo, que

quando teve a oportunidade de revidar as maldades, elas se contraíram a apenas comentar e não o fazer chorar como verão agora.

Priscilla, a irmã mais velha e mais indignada que se pode ter. Primeiro pelo fato de ser mulher. Paulo por ser homem tinha todas as atenções das tias, e primas e ela por ser mulher era só mais uma na multidão da próxima geração familiar. Segundo porque sua tia, só tinha a conhecido aos cinco anos, enquanto isso Paulo não teve que esperar tanto para ser paparicado. O fato da tia Jeruza (uma das irmãs de Luzia) não a ter conhecido antes não era culpa essencialmente dela, e sim dos pais que ao casarem deram uma festa que ficou para os anais mundiais de uma bagunça de proporções galáticas, o que fez surgir um buraco negro de algum tempo, esse buraco negro foi ocupado pelo silêncio entre a família de Jeruza e de Luís e Luzia. Nasceu e viveu em Santos. Assim como a mãe não era

alta, o cabelo mudava constantemente de cor e de forma conforme a vontade, já tinha sido encaracolado, curto, e atualmente estava m algo entre o liso e o ondulado. Não tinha um gênio ruim, mas era difícil, via nos fatos de Paulo ser homem, e de ele ter passado catapora para ela e tê-la chamando de monstro quando ela estava cheia de bolhas, motivos suficientes para maltratá-lo não física, mas psicologicamente. Quando ele tinha cerca de cinco anos ela se juntava com sua prima Cíntia (que mais tarde se tornaria uma grande aliada), lhe dando adjetivos inapropriados para uma criança, a ponto de fazê-lo chorar, enquanto as duas riam da sua conquista. Isso pode ser uma forma de afeto, já que os jovens em geral demonstram que gostam de alguma garota puxando os cabelos dela, dando beliscões etc. talvez fazer chorar, seja uma forma de como as mulheres tratassem os garotos mais jovens de que gostassem.

Também era corriqueiro, o fato das

duas e mais um grupinho de garotas que não ficava nada a desejar ao filme “A convenção das bruxas” faziam uma roda em volta dele e ficavam falando de garotos da mesma idade ou mais novos melhores do que ele, colocando sempre as qualidades deles acima das suas, e enquanto escutava isso Paulo ficava batendo a cabeça no chão enquanto “as bruxas” riam. E quando o bater de sua cabeça no chão começava a chegar numa queimadura de primeiro grau (subentenda-se vermelhidão), ela segurava no seu braço e apertava até fazê-lo chorar e as bruxas rirem novamente. Priscilla sempre fez questão de se desfazer das conquistas de Paulo, e por um longo tempo as conquistas delas sobrepujaram os fracassos do irmão, principalmente na hora em que ele precisava de apoio, e os fracassos dela abafavam os incríveis sucessos de um garoto que era considerado um gênio na escola. Ela namorou um rapaz por um longo tempo (que era um